

“PASSADOS PRESENTES”: ACERCA DA CONSTRUÇÃO DO MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL DE ARACOIABA DR. SALOMÃO ALVES DE MOURA BRASIL.

Rycardo Wylles Pinheiro Nogueira*

Resumo:

“Dr. Salomão”, como era conhecido na cidade de Aracoiaba-CE, nasceu na cidade de Jaguaribe-CE, região norte do Estado, mas constitui desde a infância sua história em Aracoiaba-CE, pequena cidade no interior do Estado do Ceará. Foi vereador por vários anos consecutivos, e ainda professor, advogado e escritor. Vem a óbito em 18 de maio de 2009. Após seu óbito suas memórias autobiográficas passam a ser geridas pela família, amigos, ex-alunos e políticos da cidade, que na “refiguração” das narrativas articulam uma “política da memória” a partir do “projeto” autobiográfico de “Dr. Salomão”. É posto então em funcionamento um “projeto” de monumentalização no “Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil.

Palavras-Chave: Salomão Alves de Moura Brasil. Memória. Museu. Autobiografia

Abstract:

"Dr. Salomão", as he was known in the town of Aracoiaba-Ce, was born in Jaguaribe-Ce, north of the state, but constitute your history since childhood in Aracoiaba-Ce, a small town inland in the state of Ceará. It was councilman for several consecutive years, and also teacher, lawyer and writer. Come to death on May 18, 2009. After his death his autobiographical memories become managed by family, friends, former students and politicians of the city, in which the "refiguration" narratives articulate a "politics of memory" from the autobiographical "project" of "Dr. Salomão". It is then put into operation a "project" of monumentalization the "History and Cultural Museum of Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil.

Keywords: Salomão Alves de Moura Brasil. Memory. Museum. Autobiography

Recebido: 10/05/2018

Aprovado: 08/06/2018

* Inspetor de Polícia Civil no Estado do Ceará; Mestre em História e Culturas pelo MAHIS – Mestrado Acadêmico em História da Universidade Estadual do Ceará (2016); Graduado em História Licenciatura Plena pela FECLESC – Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central (2012) da UECE – Universidade Estadual do Ceará. Email: rycardo@bol.com.br

Debate Preliminar

Salomão Alves de Moura Brasil, “Dr. Salomão”, como era conhecido na cidade de Aracoiaba-CE¹, nasceu na cidade de Jaguaribe-CE, região norte do estado, mas constituiu desde a infância sua história em Aracoiaba-CE, pequena cidade no interior do Estado. Foi vereador por vários anos consecutivos e ainda professor, advogado e escritor. Foi dono do “Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora (G.V.T)”², colégio que abriu porta para a educação de vários aracoiabenses a partir de 1958, sendo reconhecido como “educador ilustre” e “intelectual” da cidade, recebendo em 1990 a intitulação “Papa da educação do Maciço de Baturité” por políticos da cidade.

Se pensarmos as possibilidades de estudar a vida de Salomão Alves certamente existirão várias portas convidativas para pensá-lo e analisá-lo a partir de suas referências. Aqui podemos ousar e pensar em um “Salomão Religioso” (de formação jesuítica), “Salomão Político” (o vereador da cidade), “Salomão Poeta” (que escreve sentimentos, poesias), “Salomão Professor” (amor pela educação), “Salomão Patriota” (amante de sua terra e pátria), “Salomão Músico” (o pianista e compositor)³, entre outros, entretanto, inicialmente buscamos um Salomão Alves que trabalha a favor de construir e narrar uma memória da cidade pelos projetos da memória e que simultaneamente apresenta a si quando propõe e se utiliza de espaços disponíveis para sua empreitada auto-representativa, mas que antes de tudo é por ele tramada em sua própria maneira de viver.

Vem a óbito em 18 de maio de 2009. Após seu falecimento suas memórias autobiográficas passam a ser geridas pela família, amigos, ex-alunos e políticos da cidade, que na “refiguração” das narrativas articulam uma “política da memória” a partir do projeto autobiográfico⁴ de “Dr. Salomão”. É posto então em funcionamento um projeto de monumentalização no “Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil”, é nele que narrativas biográficas e autobiográficas passam a propor uma moldura de sentido perante a comunidade aracoiabense.

¹Pequena cidade situada no interior do Ceará, “Aracoiaba, distante 96 km de Fortaleza, com 728 km² e uma população de 24.935 habitantes, está dividida em nove distritos: Aracoiaba (sede), Varzantes, Ideal, Jenipapeiro, Plácido Martins, Lagoa de São João, Pedra Branca, Milton Belo e Jaguarão”. Cf. SAMPAIO FILHO, Dorian. *História dos Municípios do Ceará*. Fortaleza: RBS, 2003, p. 30.

²O Ginásio Escola Normal Virgílio Távora (conhecida como GVT) é a escola que Salomão Alves de Moura Brasil foi fundador e proprietário desde 1958. Foi aberta várias famílias a partir do fim da década de 50 na cidade de Aracoiaba. Grande parte do reconhecimento da população para com Salomão Alves vem da sua atuação como educador na cidade. Na referida escola concedeu bolsas a vários jovens da cidade, obtendo assim a gratidão e o reconhecimento dos munícipes. É a partir de fins da década de 1990 e início dos anos 2000 que a escola entra em declínio, e posteriormente seu espaço físico sendo cedido (alugado) para a Prefeitura Municipal de Aracoiaba para o funcionamento de escolas municipais.

³Todas as adjetivações propostas foram fundamentadas em documentos (poesias, livros, fotos e entrevistas) e conversas informais com pessoas que foram próximas a Salomão Alves.

⁴*O Menino Que Disse SIM* (2008) é uma obra autobiográfica de Salomão Alves de Moura Brasil publicada no ano de 2008 pela Editora Premium. A obra é apresentada no ano de 2008 na comemoração dos 50 anos do GVT (Bodas de Ouro). Nela o autor é disputado entre seu personagem criado “O Menino” e “Salomão Alves”, ou seja, ao longo da narrativa autobiográfica em alguns momentos se porta como o “Salomão do Presente”, em outros se porta enquanto *O Menino Que Disse SIM* (“Salomão do Passado”).

Recorrendo a Pierre Nora, quando enfatiza que “o dever de memória faz cada um historiador de si mesmo”⁵, compreendemos que esse “historiador interessado” atua ao escrever em vida. Somente durante seu percurso de existência no mundo lhe é possível retratar-se consigo mesmo e com outros acerca de seu passado, articulando-o em narrativa ou de outros modos que configurem o tempo para uma compreensão “acessível”. O limite para que o “eu” existente continue a contar e refazer sua própria história por si mesmo é a morte, não há outra saída, é universal. Ou ainda, como nos salientou Paul Ricoeur: “Quanto à minha morte, ela só será enfim narrada na narrativa dos que sobreviverão a mim; estou sempre do lado de minha morte, o que exclui que eu a compreenda como um fim narrativo”⁶. É possível recompor ainda a noção do narrador de Walter Benjamin, quando relaciona a narração com a experiência, pois enfatiza que “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros”⁷.

No sentido acima, aquele narrador de si mesmo, o autobiógrafo propriamente dito, tem seus limites do narrar entre a vida e a morte. A vida é vida de experiências suas, sua morte é vida de experiência para outros narrarem. Sendo assim sua morte só será narrada por aqueles que por uma responsabilidade afetiva maior (os familiares, por exemplo) ou “dever de memória” foram capazes de articular em narrativa o “fim” ou “toda” a vida daquele que pretendeu compreender-se e colocar-se diante do mundo por um projeto autobiográfico. A narrativa daqueles que o sucederam busca seguir então a famosa linha do tempo: início, meio e fim; é assim que a morte torna-se também experiência narrativa alheia pela memória dos outros organizada temporalmente.

Mas esse “dever de memória” dos outros, dos sucessores do “historiador de si mesmo”, carrega consigo uma série de problemas e possibilidades justamente por esse “historiador” sempre deixar algo “inacabado” a seu próprio respeito. Esses “responsáveis” podem ir além de uma mera biografia daquele que se auto-escreveu ainda em vida. Existem projetos sociais e culturais que desvendam possibilidades gigantescas em torno de uma vida. Desde as biografias (o que é mais comum), passando por homenagens e memoriais em torno de uma vida na sua importância social e política, e até mesmo os museus, (o que parece onerosa ousadia) que podem compor uma mobilização em torno da memória de um indivíduo de determinada comunidade a ponto de “enquadrar” certa imagem com uma permanência e mobilidade na construção de sentidos variados.

⁵NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7-28, dez. 1993. p. 17.

⁶ PAUL RICOEUR, *O Si-mesmo como um outro*. São Paulo: Papyrus, 1991, p. 190.

⁷BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas: *Magia e Técnica, Arte e Política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Vol. I. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 201.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Para que possamos prosseguir seguramente é preciso ter em mente que não só o século XIX nos ensinou a respeito do indivíduo na história quando recorremos a “história dos grandes homens”. Se recentemente não temos uma história política com uma ênfase extraordinariamente psicologizante, a memória hoje constitui a grande brecha no tempo das comemorações e rememorações nacionais, e nem por isso deixam de anunciar nomes de personagens que determinada sociedade considera importante trazer ao pedestal da memória coletiva de um grupo específico. Na verdade, as comemorações e rememorações que “enquadram” indivíduos e lugares vão além dos bustos, prédios públicos e do içar bandeiras nacionais e regionais.

Mas dentro dessa dimensão há uma lógica provisória em torno da memória de um sujeito que pode ser pensada enquanto refletimos a partir de Andreas Huyssen que “um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais”. É assim que o termo “passados presentes”, que nos serve demasiadamente neste trabalho, implica, antes de tudo, em como o ocidente tem realinhado sua ótica e interesse do presente para o passado, sendo a memória uma “sedutora” para o presente. Se no início do século XX os interesses poderiam ser considerados “futuros presentes”, isso por projetos de um futuro excepcional ou catastrófico (apocalíptico), “a partir da década de 1980 o foco parece ter deslocado dos futuros presentes para os passados presentes”⁸.

Em meio a todo um interesse pelo passado, na inexistência de uma “memória coletiva pura”, nos levamos a pensar no indivíduo historicizado por suas experiências. Pensamos acerca do seu papel enquanto mobilizador das próprias lembranças, assim como a dos outros, isso também enquanto necessidades sociais de uma noção de passado para que um sentimento de pertencimento e identidade de si perante o outro ganhe corpo. O sujeito que adquire prestígio pelas experiências de atuação política e social em determinada sociedade também constrói mecanismos que legitimam seu saber ou “excepcionalidade” diante da sociedade na qual atua, e isso o faz permanecer de algum modo, mesmo que para ser polemicamente criticado posteriormente e destituído de suas proposições adjetivas acerca de si mesmo. Mas ele pode mesmo após sua morte deixar “recados”, “projetos” ou “soluções” para a explicação do passado de sua comunidade ou de si mesmo. Obviamente que aqui falamos de um indivíduo “especial” no qual trataremos adiante, aquele que conquista lugares, preferências, e que lhe é favorecido um papel político de “detentor da história”, enquanto exerce

⁸HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Arquitetura, Monumentos, Mídia. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000, p. 9.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

uma função social de “homem-memória”, como nos sugeriu Pierre Nora quando fala que uma “psicologização integral da memória contemporânea levou a uma economia singularmente nova da identidade do eu, dos mecanismos da memória e da relação com o passado.”⁹

A utilização da memória como suporte político para reivindicação de um “eu” materializado faz parte da essência do que foi proposto por Pierre Nora quando nos esclareceu as possibilidades do que são os “lugares de memória”. Suas observações nos levam a entender a memória, também, enquanto “a constituição gigantesca e vertiginosa do estoque material daquilo que nos é impossível lembrar, repertório insondável daquilo que poderíamos ter a necessidade de nos lembrar.”¹⁰ Esse “estoque material” é a matéria-prima essencial para que uma mobilização da memória trabalhe em função de uma noção de passado, e que este, de alguma forma, possa se tornar presente na construção de identidade individual e coletiva.

Salomão Alves de Moura Brasil buscou constituir uma auto-imagem, tanto por uma narrativa de si, quanto por uma materializada “coleção de si”¹¹ diante da cidade de Aracoiaba; isso mediante suas aspirações pessoais. Sua intenção de escrever uma história da cidade (mesmo que breve) em 1990, pelo *Jornal Tribuna do Ceará*¹², de “apresentar um opúsculo” em uma narrativa que por seu conhecimento de mundo e de si mesmo o conduziu a elaborar uma “história” da comunidade espelhada em seu próprio rosto diante da cidade na qual obteve prestígio ao longo dos anos de atuação política. Seus interesses não conquistaram limites pela escrita autobiográfica. Em uma evocação que sempre buscou fazer ao passado, já desde 1990, pelos usos da memória pessoal e também para preservação de um “si ausente” na história da comunidade aracoiabense verticalizou-se ainda para criação de um museu histórico e cultural na cidade de Aracoiaba, pois “sonhou” com um desses “lugares de memória” que Pierre Nora nos ensina, para que uma memória fosse mobilizada ganhasse um sentido “perpétuo”.

Seu esforço está diretamente envolvido em um presente com o interesse de “estocar um material” em prol da história da cidade de Aracoiaba, mas ao mesmo tempo de sua história de vida articulada com outros personagens que por ele são movimentados. Isso também está engendrado quando busca uma legitimidade diante da cidade, e nesse intuito postula uma evocação e inserção de um passado social que é por si construído e posto em cena em sua autobiografia. Ou como Andreas Huyssen nos fala acerca dos museus, estes “foram criados para

⁹ NORA, Pierre. *Op. Cit.* 1993, p. 18.

¹⁰ *Idem*, p. 15.

¹¹ Podemos entender que “uma coleção de si é aquela que visa guardar melhor a recordação de si próprio, geralmente à mediação socialmente aceita de objetos que ou já se valorizaram, ou que um dia irão adquirir maior estima” RIBEIRO, Renato Janine. *Memórias de Si Ou...* In Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Vol. 2, nº 3. 1998: 35.

¹² No ano de 1990 o *Jornal Tribuna do Ceará* parece ter se empenhado em uma negociação com a Prefeitura Municipal de Aracoiaba para a publicação de uma edição extra dedicada à cidade. Salomão Alves de Moura Brasil fica sendo o responsável por narrar a história da cidade. A edição, de circulação na cidade de Aracoiaba, visou noticiar a comemoração dos 100 anos da cidade aos munícipes. Ainda hoje vários aracoiabenses ainda resguardam em suas casas o “Jornal do Centenário de Aracoiaba”, do ano de 1990. JORNAL TRIBUNA DO CEARÁ. *100 Anos Aracoiaba: Mudança se faz com trabalho*. 16 de agosto de 1990.

serem instituições pragmáticas que colecionam, salvam e preservam, aquilo que foi lançado aos estragos da modernização. Mas ao fazer isso, o passado inevitavelmente seria construído à luz do discurso presente e a partir de interesses presentes.”¹³

Também é necessário refletir e compreender que o sujeito não existe apenas para si, que se move sozinho no tempo, que produz para si e para os outros um significado originalmente proposto e tal qual recepcionado. O sujeito não vive apenas consigo mesmo, por uma estreita noção de si, mas em uma sociedade que o “degusta”, o “engole” e o “digere”, que nega e o afirma ao mesmo tempo a partir de suas propostas. Tudo isso o torna um ser social de relações pela própria relação dos sentidos propostos e recepcionados. Portanto, para um indivíduo articular uma história da própria vida e propor um sentido a ela as possibilidades ganham terreno quando uma sociedade reconhecida pelo “eu” é colocada em movimento pela memória deste em uma relação com a daqueles. Esta memória pode passar a ser compreendida como a verdade do passado se a identidade de seu “homem-memória” for mais ou menos estável. Mas isso não quer dizer que não seja possível uma “recepção criativa” dos leitores em torno de uma memória individual tecida articulada com uma memória socialmente produzida.

É preciso ratificar então em como a “recepção” funciona dentro dos processos de identificação pela memória. Precisamos ter em mente que esse “interesse manifestado pelo processo por intermédio do qual é historicamente produzido um sentido”, simultaneamente abre caminhos para que, “diferenciadamente [seja] construída uma significação”¹⁴. Na verdade não apenas uma significação é presumível, mas um emaranhado de (re)significações possíveis não estão descartadas. O “sentido” produzido historicamente gera veredas para uma “significação diferenciada” pela “recepção” daqueles que interagem individual e socialmente. No entanto, embora o “diferencial” seja possível pela “recepção criativa”, o referencial primeiro não necessariamente deixa de ser, de alguma forma, trasladado a um sentido *posteriori*.

É necessário compreender que o que Salomão Alves “produziu” de memórias acerca de si mesmo e da cidade gerou um “produto” (jornal, autobiografia, comemorações etc) a ser “consumido” pelos munícipes que tiveram contato com seus escritos e discursos no presente e no passado. Então é preciso ter consciência de que “a história de uma vida não cessa de ser refigurada, por todas as histórias verídicas ou fictícias que um sujeito conta sobre si mesmo. Essa refiguração faz da própria vida um tecido de histórias narradas”¹⁵. Mas o “consumo” desse

¹³ HUYSSSEN, Andreas. *Escapando da amnésia: o museu como cultura de massa*. In: MEMÓRIAS do modernismo. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996, p. 225.

¹⁴ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Difel, 1988, p. 24.

¹⁵ RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (tomo III). São Paulo: Papirus, 1997, p. 425.

“tecido de histórias narradas, não abre caminho definitivo “como se os textos (ou as imagens) tivessem significações dadas por si mesmas, independentemente das leituras que os constroem”¹⁶, pois a “recepção” de sua “produção” configura uma inventividade própria daqueles que fizeram uma dita “recepção”. É nesse sentido o “tecido de histórias narradas” é sempre refeito, seja por quem conta a história, seja pelos ouvintes que de alguma forma a recontarão.

Dando continuidade, acerca do desempenho de Salomão Alves, de sua intenção muito particular enquanto político, a respeito de uma “materialização da memória”, já em 1990, no aniversário de 100 anos da cidade de Aracoiaba propõe a criação da SEMAR (Semana do Município de Aracoiaba). Na festa do centenário da cidade de Aracoiaba (1990)¹⁷, evento no qual teve participação fundamental, foi consagrado no *Jornal Tribuna do Ceará* (escrito por ele mesmo) como “Papa da Educação do Maciço de Baturité”¹⁸, nomeação que permaneceu nos discursos de políticos em tempos adiante.

A ideia de comemorar anualmente os aniversários da cidade no dia 16 de agosto de cada ano, diante da comunidade aracoiabense, abriu portas para a construção de um desses “lugares da memória” (comemoração), este serviu de reflexo para ações que viriam anos mais tarde. O centenário da cidade também foi um lugar escolhido por Salomão Alves para uma atuação em prol de sua imagem. Sua intenção parece ir além dos limites que o espaço e que o tempo sugerem, pois no festejo da cidade as “expectativas” têm um papel fundamental dentro da utilização do passado para uma glória futura.

Do Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba

No ano do Centenário (1990), no dia 20 de novembro, com a participação de Salomão Alves, por sua colaboração enquanto vereador do legislativo municipal entra em vigor a Lei Orgânica do Município de Aracoiaba¹⁹. Em um de seus tópicos, nomeado como Atos das Disposições Organizacionais Transitórias, Art. 7º, incisos I e II, estabelecem como “PROPRIEDADE DO POVO DO MUNICÍPIO DE ARACOIABA.”: “Art. 7º. – O Poder Municipal poderá criar: I – Patrimônio Histórico e Cultural do Município de Aracoiaba”, e ainda: “II – O Museu Histórico e Cultural do Município”. Há então por intermédio de

¹⁶CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 52.

¹⁷ Em 1890 Aracoiaba desmembra-se da freguesia de Baturité, sendo elevada à categoria de *Vila Aracoyaba* pelo decreto lei estadual nº 44, de 16-08-1890. Em 1990 comemorou-se 100 anos de emancipação política da cidade de Aracoiaba, Salomão Alves de Moura Brasil teve participação crucial na organização da festa. Escreveu a história da cidade destacando a si e sua família no *Jornal Tribuna do Ceará*. Consideramos essa matéria como sua primeira escrita de si publicada. Compôs o hino do centenário e escreveu ainda outros textos para a festa dos cem anos da cidade.

¹⁸ Em 1990 Salomão Alves, atribui a si o nome de “Papa da Educação do Maciço de Baturité” no *Jornal Tribuna do Ceará*. Entendemos tal escrito enquanto autobiográfico, no entanto, em entrevistas realizadas percebemos controvérsias acerca da intitulação de “Papa da Educação do Maciço de Baturité”.

¹⁹LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE ARACOIABA.. *Aracoiaba, 20 de novembro de 1990*. Francisco de Assis Régis. Presidente da Constituinte.

Salomão Alves, na lei máxima da esfera municipal, a proposta de que um museu histórico e cultural do município “poderá” ser criado.

A participação de Salomão Alves na elaboração da Lei Orgânica do Município, em 1990, nos mostra seu interesse em que a cidade possa conquistar o resguardo dos patrimônios assim como um lugar que possa preservar sua história. Parece esforçar-se por uma “política da memória” levando ao legislativo uma proposta que futuramente pudesse ser materializada. Mesmo com a elaboração da proposta na Lei Orgânica durante a comemoração dos cem anos, a cidade, naquele instante, não passou a dispor de um espaço para um museu, portanto a proposta “o poder municipal poderá criar” não passou, naquela data, de uma expressão subjuntiva do autor em proposta de lei. De todo modo fica então aberta pela Lei Orgânica do Município apenas proposta para que um “Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba” um dia pudesse ser criado em prol da memória e cultura aracoiabense.

No intuito de concretizar sua proposta, com embasamento na mesma referida Lei Orgânica de 1990, Salomão Alves de Moura Brasil, enquanto vereador, propõe no ano de 2008 o Projeto de Lei Nº 973 de 2008, que é aprovado pela Câmara Municipal de Aracoiaba em 06 de agosto de 2008, dez dias antes do início da comemoração do aniversário do município, dia 16 de agosto. Apresenta o projeto em 2008 do seguinte modo: “O vereador Salomão Alves de Moura, que no presente Projeto de Lei subscreve, o faz, ouvido o Plenário, no sentido em que o mesmo se transforme em Lei”. No Art. 1º e 2º o Vereador Salomão Alves de Moura Brasil estabelece que:

Art. 1º Fica legalmente criado e denominado o “*Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Professora Maria Madalena Silva Matos*”²⁰ com base nos Atos das Disposições Organizacionais Transitórias da Lei Orgânica do Município, estabelecida em Assembléia Constituinte, em 20 de novembro de 1990, o que diz em seu artigo 7º - *O Poder Municipal poderá criar: II – O MUSEU HISTÓRICO E CULTURAL DO MUNICÍPIO.*

Art. 2º A criação e denominação do Museu Histórico e Cultural Maria Madalena Silva Matos, é mais um desejo do povo aracoiabense, que através de seus representantes legais, visa buscar a realização do bem-estar comum e suas aspirações educacionais, sociais culturais e históricas, invocando sempre a proteção de Deus²¹. [*Grifos nossos*].

O autor observa e entende como pode atuar em prol da construção de suportes que desenvolvam significados que também são seus e por si sugeridos. Sua posição de político como vereador desde 1990, e posteriormente no ano de 2008, nos mostra como almejou de “longas datas” pela criação de um museu histórico e cultural na cidade. Envolve sua vontade,

²⁰ Na justificativa do referido Projeto de Lei o então Vereador Salomão Alves explicita o porquê da nomeação de “Museu Histórico e Cultural Professora Maria Madalena Silva Matos”. “A escolha do nome, pretende homenagear uma Educadora e Professora de História de Aracoiaba, que prestou bastantes serviços relevantes município” [...] “Foi a 1ª Professora [...] no Grupo Escolar Almir Pinto [...] onde foi também Diretora por vários anos e do Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora”, escola a qual o proprietário era o próprio Salomão Alves.

²¹ CAMARA MUNICIPAL DE ARACOIABA. Projeto de Lei nº 11/2008 aprovado em 06/08/2008. Lei nº 973/08.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

seu intuito de perpetuar a si em sua própria decisão pelo “dever de memória”, como “um desejo do povo aracoiabense”.

Suas posturas enquanto educador e legislador na cidade entram em atividade quando trabalham em prol de uma memória que certamente também é sua. É precisamente seu interesse em preservar uma memória, um passado, que o faz não deixar a si mesmo de fora de seu projeto. O “poderá” (abertura para o futuro), da Lei Orgânica Municipal de 1990, foi concretizado com o Projeto de Lei Nº 973 de 2008. Nesse sentido podemos perceber como seu interesse pela memória da cidade ultrapassou os quase 20 anos após a comemoração do Centenário comemorado em 1990.

Rose Mary Santana Matos, acerca de seu acompanhamento à Salomão Alves, no processo de construção do museu, nos explicita em uma entrevista por nós realizada em 2012 no “Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil”, que após a aprovação da Lei de 2008 no Legislativo Municipal para a concretização do museu, em 6 de agosto de 2008,

ele falou com a prefeita [Marilene Campelo Nogueira] que se a prefeita autorizasse, ele fazia particularmente aqui [Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora] pela conta dele, não precisava da prefeita, da prefeitura entrar com nada, ele preparava o ambiente, o que ele queria... que ele colocou a lei criando o museu e como não tinha prédio apropriado para colocar o museu a permissão da prefeitura para colocar o museu no prédio do Ginásio Escola Normal Virgílio Távora que é uma associação filantrópica fundada por ele sem nenhum fim lucrativo e o nosso objetivo é a educação e a cultura, então como não tem um prédio na prefeitura para alojar o museu por isso que ela autorizou e o museu funciona aqui no ginásio. [Grifos nossos].

Em 2008 Salomão Alves propôs a prefeita da cidade uma utilização do Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora (escola de sua propriedade) para a construção do Museu de Aracoiaba “pela conta dele”. Percebemos o poder legítimo que a Prefeitura “entrega” à Salomão Alves, permitindo-o exercer sua maneira própria de “mobilização da memória” e representando na cidade de Aracoiaba um passado articulado em um espaço propriamente seu (GVT).

Rose Mary nos diz ainda que a “prefeitura não precisava entrar com nada, ele preparava o ambiente”. É preciso observar que os anos que se passaram na escola, aquela escola que segundo os relatos do livro “O Menino que disse SIM” teve seu início em 1958, são anos “carregados de memória” para Salomão Alves e para munícipes ex-alunos de sua escola²². Na escola seria então organizado um museu que não deixa no esquecimento as memórias acerca de antigas professoras exaltadas por Salomão Alves em sua autobiografia,

²² O Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora, escola bem conhecida na Região do Maciço de Baturité e de propriedade de Salomão Alves, mais conhecida na época de funcionamento como “Ginásio” ou “GVT”, agregou desde 1958 vários estudantes da cidade de Aracoiaba assim como das diversas cidades circunvizinhas.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

assim como políticos de outras épocas da cidade. Todos e todas comuns ao passado de Salomão teriam seus lugares privilegiados no espaço museu.

A observação aqui feita, acerca das datas, da implementação dos projetos, da própria narrativa na escrita do Projeto de Lei, do testemunho de quem o acompanhou, não diz respeito à uma construção de uma história descritivo-factual. Discorremos enquanto referencial necessário para analisar o trabalho de Salomão Alves na construção do “Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba”. O interesse é de apenas fornecer algumas reflexões de como, enquanto político, atuou a seu modo muito particular, em prol de uma “política da memória” para cidade de Aracoiaba, ao mesmo tempo em que galgava para si uma “auto-monumentalização”.

Seus últimos trabalhos enquanto vereador (2008) dizem respeito à proposta da criação do “Museu Histórico e Cultural Maria Madalena Silva Matos”. Mas seu óbito “inesperado”, segundo Rose Matos, em 18 de maio de 2009, “foi uma coisa muito de repente”, o impossibilitou então de presenciar e acompanhar a inauguração do museu em 16 de agosto de 2009, data esta que também se comemoraria o aniversário da cidade. O museu que fora denominado em lei por Salomão Alves de “Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Maria Madalena Silva Matos”, mas por uma decisão dos políticos e familiares é inaugurado em homenagem à seu idealizador, com o nome de “Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil”.

FIGURA 01



Entrada do Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil

Mas é após seu falecimento que há o fortalecimento de um processo de “monumentalização” de sua imagem diante da cidade. Nesse sentido podemos pensar “monumentalização” a partir de Jacques Le Goff quando nos diz que “*monumentum* é um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”²³. É possível imaginar Salomão Alves enquanto “homem-monumento”, melhor ainda, enquanto “Salomão-Monumento”. Seus trabalhos desde 1990 apontam como seta para um futuro que deverá evocar um passado por si selecionado. Ao mesmo tempo já exercita sua atuação enquanto “homem-memória”, que se concretiza em um olhar individual sobre si mesmo na obra *O Menino Que Disse SIM*. “Monumento”, no sentido aqui proposto, pode ser pensado então de modo mais amplo, enquanto “uma obra construída para ultrapassar o presente, e transmitir à posteridade a memória de uma pessoa ou fato”²⁴.

Rose Mary Santana Matos, testemunha, secretária e companheira de Salomão Alves durante anos, nos fala acerca da mobilização deste na criação do museu na cidade quando em vida. Enquanto “Superintendente do Patrimônio Histórico e Cultural de Aracoiaba”, cargo que passa a exercer no lugar de Salomão Alves após sua morte, nos fala da vontade do político de construir um museu na cidade, privilegia e reconhece Salomão Alves enquanto responsável pela idealização do museu, não deixando de fora sua própria responsabilidade acerca da memória da cidade, uma espécie de “continuidade” ao trabalho de Salomão Alves.

Era o grande desejo dele, como foi o grande desejo dele... o Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba por que era... *ele sempre se preocupou com isso, com a cultura, com a memória... e essa memória é muito... é muito... deixada pra trás quando a gente não tem alguém que faça o que ele fazia*. Então, daí a nossa responsabilidade, a minha responsabilidade porque...a Dra. Marilene vendo o esforço dele, criou a Superintendência do Patrimônio Histórico e Cultural, *porque ele fazia isso gratuitamente... ele fazia isso*. Ela criou na administração dela essa superintendência, ele assumiu no dia primeiro de janeiro de dois mil e nove e... preparou esse ambiente que nós estamos aqui que é o museu. Esse ambiente aqui... ainda é, ainda fazia parte da fábrica e não tinha nada, ainda era só o terreno, e ele pediu autorização a prefeita, porque desde o centenário ele também fez parte da constituinte da, nova constituinte, e colocou lá na lei orgânica do município ele colocou a criação do Museu Histórico e Cultural. [*Grifos Nossos*]

Podemos perceber pelo relato de Rose Matos sua admiração por Salomão Alves quando dá ênfase por seu empenho, sua “preocupação com a cultura e com a memória” da cidade. Diz ainda que é difícil levar adiante “quando a gente não tem alguém que faça o que ele fazia”, deixando a entender que sua maneira de atuar não há como ser substituída após seu falecimento.

²³ LE GOFF, Jacques. *Documento/Monumento*. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 536.

²⁴ DELGADO, Andréa Ferreira. *A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias*. Campinas, Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003, p. 6.

Podemos perceber por sua proximidade e intimidade em como reconhece o trabalho de Salomão Alves, sua dedicação, isso nos mostra também que houve uma legitimidade conquistada por nosso personagem acerca de seus “trabalhos com a memória” e de si mesmo diante de outros, especialmente diante de Rose Matos. Seu interesse em vida, enquanto “homem-memória”, de propor um museu e que posteriormente pudesse ser concretizado teve êxito. Posteriormente, mesmo não estando em vida, sua proposta foi levada adiante por aqueles que sentiram o “dever de memória” para uma “monumentalização” que não se encerraria com o fim de sua existência; como Rose Matos salientou: “daí a nossa responsabilidade, a minha responsabilidade” de levar adiante. É nesse caminho que o “Salomão-Memória” torna-se “Salomão-Monumento” pelo e para o espaço-museu organizado por suas intenções no passado e pela concretização junto ao poder público do presente e as testemunhas que o acompanham desde um passado que sempre considerou digno de ser lembrado.

Salomão faleceu em maio de 2009, portanto não teve a oportunidade de ver o museu histórico e cultural que tanto projetou em funcionamento em sua escola. Rose Matos, após falar de seu falecimento e do fato de seu idealizador não ter inaugurado o museu que tanto sonhou durante quase vinte anos, nos diz respeito ao empenho das pessoas da cidade, políticos, parentes e amigos, que assumindo a “nossa responsabilidade” após sua morte, para dar uma “continuidade” ao trabalho que veio a ser o Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil.

Mas o que aconteceu... Era o desejo dele inaugurar o museu no dia do município de Aracoiaba de dois mil e nove. *E nós, a família, os amigos, os professores da escola todos colaboraram, a comunidade, nós fizemos uma divulgação, um pedido e solicitação, foi uma coisa comovente e historicamente foi inédito*, porque no dia dezesseis de agosto estava inaugurado o museu de Aracoiaba. [Grifos nossos].

Rose Matos nos fala o que percebemos enquanto uma “mobilização da memória” feita pela comunidade, que se possivelmente engajou para que o museu pudesse ser inaugurado exatamente em 16 de agosto de 2009, como desejava seu idealizador. Como amiga e companheira íntima, que o auxiliava desde “longas datas”, Rose Matos trabalha pela memória do autor ao buscar dar continuidade a seus trabalhos em prol de uma história por ele planejada desde 1990. O processo de atuação do “homem-memória” é transposto por uma responsabilidade que parece passar a ser conduzida por outros após sua morte. O “homem-memória”, que atuava em vida, passa ser mobilizado e atuar após seu fim existencial enquanto “homem-monumento”, permanecendo na memória daqueles que se sentiram responsáveis para “dar continuidade” seus trabalhos em prol de um “passado presente”.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Rose Mary diz ainda que foi “uma coisa comovente e historicamente inédito”, afirmando que a inauguração acontece justamente no 16 de agosto, aniversário do município de Aracoiaba. É possível perceber que “rememoração” e “comemoração”²⁵ se confundem no processo de inauguração do museu, pois há interesses pela memória individual sendo articulados em uma dimensão coletiva. Isso pode ser justificado quando percebemos o empenho de Salomão Alves desde 1990 a inauguração compõe também uma espécie “rememoração” do interesse do político pelas memórias da cidade com a proposta de um museu. Ao mesmo tempo, a “comemoração” do aniversário da cidade trás em cena um evento que é a própria atitude política do autor/político na década de 90 quando resolveu por lei criar a SEMAR (Semana do Município de Aracoiaba). É preciso lembrar ainda que nesse momento no Jornal do Centenário a história da cidade é escrita por Salomão Alves, que, ao mesmo tempo esquematiza uma história de si enquanto “Papa da Educação do Maciço de Baturité”.

De maneira consciente ou não, o trabalho de Salomão Alves desde a festa do centenário da cidade, em torno da memória de Aracoiaba, de seu passado, elencou subsídios que o “enquadraram” na memória aracoiabense enquanto “homem inteligente” responsável pelo passado da cidade, por sua história a ser contada para seus munícipes. Mas o que também está em jogo para que uma identidade individual seja reconhecida diante da cidade é o sentido que é dado pelo grupo ao ter contato com essa narrativa, isso por um trabalho de relação, conflitos e negociação das memórias de Salomão Alves e de outros personagens da cidade que não deixaram de ter um papel atuante.

Rose Matos continua a nos falar em como após o falecimento de Salomão Alves a comunidade prosseguiu trabalhando em consideração a seu desejo de elaborar um museu histórico e cultural na cidade.

Então daí a gente sentiu que continua, o desejo dele continua sendo realizado através da continuidade que está sendo feita por todos nós, por que ele iniciou, quem tem a obrigação ou o dever de dar continuidade somos todos nós, porque todos nós temos um momento de vida, um nascimento e um “morrimento” [risos]

Seriam as pessoas que colaboraram com a construção do museu, por intermédio de doações (objetos antigos de suas famílias, fotos, ferramentas de trabalho, livros, utensílios domésticos, entre outros) “continuadoras” de um trabalho que Salomão Alves havia dado início em 1990? No discurso Rose Matos fala ainda acerca de uma colaboração da comunidade (familiares, professores, ex-alunos e amigos) em prol da “continuidade” do projeto do museu por seu idealizador. Seria então a comunidade aracoiabense participante do

²⁵SILVA, Helenice Rodrigues da. *Rememoração e Comemoração: as utilizações sociais da memória*. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 44, 2002.

museu quem levou adiante o trabalho da memória “iniciado” por Salomão Alves ou a própria Rose Matos enquanto superintendente do museu e enquanto depoente, a principal responsável por esta possível articulação de uma “continuidade”, mesmo após a morte de seu idealizador?

No sentido acima podemos pautar uma reflexão a partir do que Gisafran Nazareno Mota Jucá nos levantou:

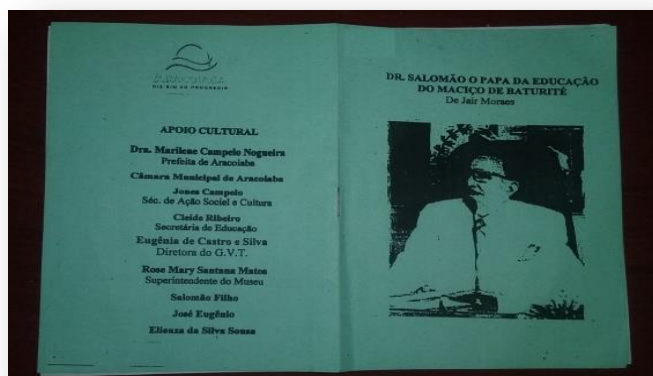
A busca de uma compreensão do alcance da memória nos faz entender a sua divisão em uma parte objetiva que preserva os fatos e uma outra subjetiva, que expressa, além da informação descritiva, a peculiaridade da abordagem apresentada, de acordo com os sentimentos expressos pelo depoente. (JUCÁ, 2003: 31)

A empolgação de Rose Matos, sua maneira de expressar-se e sua narrativa revelam um interesse com afincado pela história da cidade, e demonstra que há também uma construção da realidade a partir daquilo que a mesma propõe em seu depoimento. Suas palavras, de modo “subjetivo”, deixam claro seu empenho próprio em “dar continuidade” naquilo que “ele desejou”, e, ao mesmo tempo, de sustentar em seu discurso uma interpretação acerca de um “Dr. Salomão” empenhado, preocupado com a memória da cidade de Aracoiaba. Por outro lado, no aspecto “objetivo”, a materialidade da lei em 1990 com a criação da SEMAR e sua reutilização em 2008 por um novo projeto de lei permite que o museu possa ser inaugurado no ano de 2009, “sacralizando” assim um “lugar de memória” da cidade juntamente com “Salomão-Monumento”.

Em agosto de 2009, se aproximando do dia 16 de agosto, data do aniversário da cidade, o museu foi inaugurado para que durante a festa de aniversário do município, intitulada Semana do Município de Aracoiaba (SEMAR), o museu passasse a ser freqüentado pelos munícipes e visitantes de outras cidades. Na comemoração de abertura do museu Salomão Alves foi homenageado com o cordel de Jair Moraes intitulado: “Dr. Salomão O Papa da Educação do Maciço de Baturité”. O cordel, composto por vinte quatro versos, homenageia Salomão Alves e ao mesmo tempo faz uma referência às salas e acervos do museu que estava para ser inaugurado. Jair Moraes é um poeta conhecido no Ceará, segundo Rose Matos ele se prontificou voluntariamente para compor o referido cordel. No referido poema cita personagens que foram movimentados por Salomão Alves ainda em sua autobiografia *O Menino Que Disse SIM*, relata momentos de sua vida de modo que a história da cidade, de seus munícipes e de Salomão Alves se confundem em uma narrativa rimada.

Na capa do folheto Salomão Alves se porta de terno branco, assim como na capa de sua obra *O Menino Que Disse SIM*. No verso segue o “slogan” da administração da Prefeitura de Aracoiaba, assim como os nomes de autoridades e familiares de “Dr. Salomão”.

FIGURA 02



Capa e verso do folheto de cordel intitulado “Dr. Salomão O Papa da Educação do Maciço de Baturité”(2009) de Jair Mores

A partir do referido cordel podemos perceber, ainda, um esforço dos organizadores da inauguração do museu em fazer permanecer a imagem de Salomão Alves como fundador do progresso educacional da cidade de Aracoiaba enquanto “Papa da Educação do Maciço de Baturité”, dando “continuidade” ao seu trabalho e ao mesmo tempo o “monumentalizando” enquanto personagem crucial na historia local. Do seguinte modo Jair Morais movimenta seu cordel:

01

A Deus peço proteção
Para fazer esse cordel
Falar de um Grande Homem
Que também foi menestrel
O Papa da educação
Pela sua devoção
Com certeza foi pro Céu

02

Filho daquela cidade
Conhecida Aracoiaba
Lugar belo e bonito
Onde a natureza orvalha
Homem de muita cultura
Soube com desenvoltura
Que a verdade não falha

03

Em nome de Dona Rose
Sua fiel companheira
Em memória do Doutor
Pela brilhante carreira
Um museu de qualidade
Erguido nessa cidade
Sua paixão verdadeira

05

“E que não chore minha morte
Quem nunca me sorriu na vida”
Era uma de suas filosofias
Bem antes de sua partida
Nosso Papa da Educação
Escritor de muita inspiração
Uma vida bem vivida

07

Em seu nome fica hoje estampado
No Museu Histórico e Cultural
Nessa linda cidade de Aracoiaba
Vê-se o lindo letreiro colossal
Dr. Salomão Alves de Moura Brasil
Seu trabalho ao tempo resistiu
Feito brilho de sol no pantanal

09

No museu os homenageados
Dona Natália no auditório
Professoras Maria Madalena
Ensinou também no Observatório
Valquíria com Iraci Costa
Antonieta Alves também gosta
Dona Donzaré Bomfim rezou no oratório

21

A Superintendência do Patrimônio
Histórico e Cultural de Aracoiaba
A Sra. Rose Mary Santana Matos
Primeira Superintendente Abençoada
Aracoiaba diz: “Sim ao Progredir!”
Meu nome é Poeta Jair
Escritor da obra apresentada

22

Na escrita humilde do cordel
Vou mostrando toda maestria
Que a vida se faz com muita luta
Nos momentos de tristeza e alegria
Vivas ao Papa da Educação
Nosso Doutor Salomão
No passado o Maior da Hierarquia

23

Quem ama aquilo que faz
Trabalhando com zelo
Cuidando da sua cidade
Como Marilene Campêlo
Para mim merece um bis
Assim seremos feliz
Sem usar um falso apelo²⁶[Grifos nosso]

²⁶MORAES, Jair. *Dr. Salomão: O Papa da Educação do Maciço de Baturité*. Aracoiaba: Prefeitura Municipal de Aracoiaba (Folheto de Cordel), 2009.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Jair Rodrigues, poeta responsável por fabricar o citado cordel de modo “voluntário”, segundo Rose Matos, em seus versos nos levanta demasiadas possibilidades em relação à “política da memória” e ao esforço de Rose Matos e sua família na “monumentalização” de Salomão Alves na inauguração do Museu. As referências feitas no cordel deixam a participação de Rose Matos e de familiares esclarecida na construção do poema. As colocações levantadas pelo poeta descrevem mais do que o minimamente necessário entre uma intimidade e convivência com “Dr. Salomão”. Para que uma ênfase fosse dada naquilo que o marcou seria então preciso recorrer àqueles que mantiveram estreitos laços. No cordel é possível perceber uma abordagem que já se fazia presente em outros momentos, o museu faz uma relação daquilo que a memória de nosso personagem, por si mesmo e por outros sujeitos, desejou preservar.

É possível perceber ainda certa reciprocidade na troca de imagens políticas, entre a família de “Dr. Salomão”, entre outros organizadores do museu e com a prefeita de Aracoiaba naquele ano de 2009, Marilene Campêlo Nogueira. Não devemos esquecer que após a aprovação da Lei nº 973/08 é Marilene Campêlo enquanto prefeita, segundo Rose Matos, que aprova a abertura de um museu municipal em um espaço privado, ou seja, na escola de Salomão Alves. Marilene Campêlo teve um papel ativo na construção do “Salomão-Monumento”. Prefaciou a obra *O Menino Que Disse SIM* e aprovou a criação do Museu na escola de “Dr. Salomão” em 2008. Nesse sentido é possível perceber que a imagem de nosso personagem está sendo mobilizada e proposta por instituições políticas (a do Executivo Municipal), conferindo assim um suporte de legitimidade próprio do poder público ao personagem historicizado por uma “política da memória”.

Como dito anteriormente, o Cordel ressalta ainda as salas do museu, os acervos e pessoas homenageadas. Em meio à uma complexa feira de negociação de imagens, em meio à um “culto à memória” de Salomão Alves, o cordel não deixa de mencioná-lo enquanto “Papa da Educação”, aquela nomeação que lhe fora atribuída na década de 1990, que segundo Rose Mary Santana Matos foi também inspiração de Marilene Campêlo Nogueira. Nesse sentido o cerco se fecha, de modo que, nos leva a pensar em Salomão Alves, por sua ideia de fundar um museu, e Marilene Campêlo, por permitir um espaço de memória ser materializado por sua autoridade executiva política local. Nesse sentido dois sujeitos exercem uma “política da memória” na cidade, como nos sugeriu Andreas Huyssen, um levando sua atitude adiante pela idealização da memória, outro e pela ação política de executar. Sendo assim a construção de um passado da cidade de Aracoiaba e a historicização de um sujeito monumentalizado acaba por se realizar com significativa coerência.

Logicamente que não há como desvincular o trabalho de Salomão Alves da comunidade em que atuou ao longo de sua vida. Há uma concretização das intenções na atuação política de nosso personagem comprovada pela aprovação da lei (1990) e há uma materialização do “passado presente” na inauguração do museu (2009). Porém, a “peculiaridade subjetiva” do discurso de Rose Matos, que atua como “guardiã da memória” também tem seu sentido em relação às suas experiências vividas ao lado de Salomão Alves. As narrativas de Salomão Alves, que certamente foram por ele mencionadas enquanto professor de sua escola, suas histórias contadas aos alunos durante suas aulas, e posteriormente em sua obra autobiográfica passaram a compor uma noção de “vida vivida” compreendida pela “vida narrada”. Sua maneira de contar da vida não teve limites apenas em uma mobilização da memória individual. Podemos compreender de maneira reflexiva a partir de Michael Pollak que:

Ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre acontecimentos-chaves (*que aparecem então de uma maneira cada vez mais solidificada e estereotipada*), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si mesmo o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros.²⁷ [*Grifos nossos*].

Salomão Alves, ao que percebemos em seus trabalhos e ao que observamos em conversas informais, sempre levou em seu “projeto da memória” uma intenção de falar de si. Já ensaiava um escrito autobiográfico na conversa com pessoas da cidade, já esboçava sua própria história usando a si como referência de “como vencer na vida”. Posteriormente, para além de seus discursos também podemos perceber como sua vida também passou a ser mobilizada por outros sujeitos dentro do museu que carrega seu nome. Seu passado, contado por suas memórias, aquele contado em sua autobiografia, assim como narrado no *Jornal do Centenário* em 1990, será “presentificado” em um espaço público por ele planejado em um espaço privado (sua escola) que também se torna público. Não falo aqui de um viés consciente, um em que nosso personagem atua teleologicamente de modo que, o futuro lhe fosse tão claramente previsível a ponto de que uma experiência linear na vida vivida fosse tramada da semente à colheita. Insistimos que sempre em seus trabalhos, sua história de vida esteve estritamente ligada às memórias que considerou da cidade de Aracoiaba, deste modo, para os outros, comemorar a cidade de Aracoiaba é também evocar uma imagem Salomão Alves de Moura Brasil, de um “Salomão-Monumento”.

Em sua obra *O Menino Que Disse SIM* faz referência a Dindinha, escrava alforriada que trabalhara em sua residência ainda quando criança. Na obra convida, ainda, para que Lusmar Paz, amigo e ex-professor de sua escola, escrevesse a introdução de sua obra autobiográfica. O

²⁷ POLLAK, Michel. *Memória, Solêncio e Esquecimento*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. Vol. 2, n° 3, 1989, p. 1.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

esforço na organização do museu por Rose Matos parece levar em consideração aquilo que o autor pôs em relevo em sua escrita autobiografia. Na articulação dos objetos do museu seleciona a “tigela” da “residência de D. Julia de Castro Falcão (Dindinha)”, aquela a que o autor fez tantas referências em sua obra. Outro objeto organizado no museu é a “Panela de Ferro”, objeto “usado na Casa Paroquial no tempo do Padre domingos” (personagem dramaticamente presente em sua autobiografia, que luta contra o avanço na educação proposto por um “Dr. Salomão” revolucionário da educação) e que no momento de articulação do museu se encontrava “sob os cuidados de Lusmar Paz”.

FIGURA 03



“Panelas de Barro” de Lusmar Paz e de “Dindinha” no Museu de Aracoiaba. Expostas no Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil.

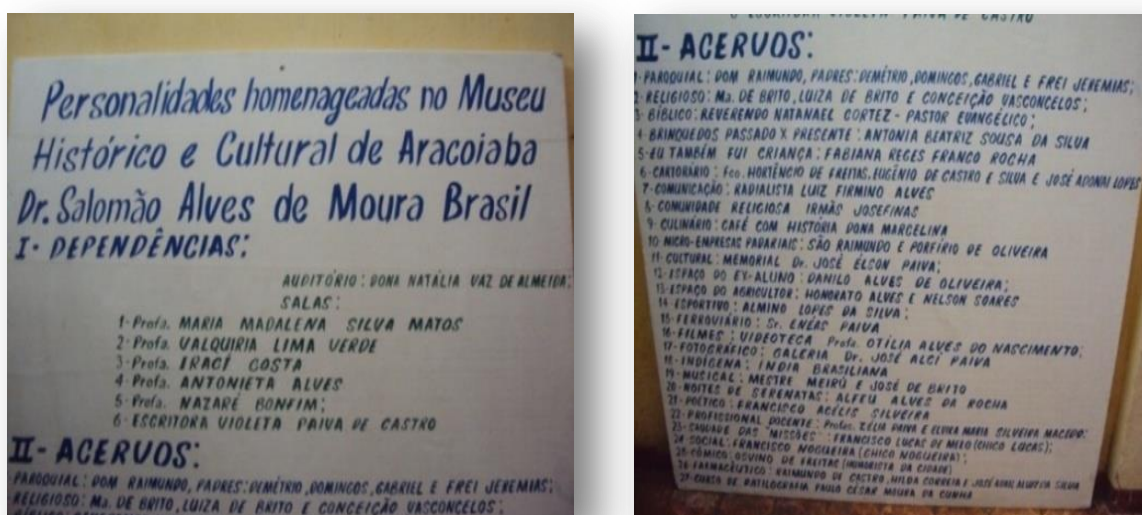
O “Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil” pode então ser considerado um lugar de memórias (auto)biográficas. Há espaços reservados para que a história de vida de nosso personagem seja justificada e posta à prova. O Museu, que após sua inauguração passou a ser gerido por Rose Matos juntamente com professores da cidade e familiares de Salomão Alves manteve-se sempre atrelado à memória de seu idealizador. O discurso do museu pode ser entendido como intenções daqueles que construíram suas vidas por uma proximidade com o conhecido “Dr. Salomão”, o conhecido “Doutor” na cidade de Aracoiaba. O “lugar de memória” foi construído entre família e amigos. Sua memória habita na família, nos amigos, na rua, nos discursos e nas lembranças de ex-alunos, de outros tempos no Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

As “Dependências” e os “Acervos” são nomeados com nomes de personagens que estão diretamente ligados com a trajetória de Salomão Alves, que foram seus colegas, familiares, amigos, funcionários e alunos. Entre os nomes vários foram citados em sua autobiografia *O Menino Que Disse SIM*. A identificação de pessoas próximas em um tempo passado passa também a aproximar as famílias no presente e no futuro, sendo assim é possível perceber pelas nomeações das salas, dependências e acervos uma espécie de “atualização” da memória e manutenção das relações pela memória.

FIGURA 6



Acervos do Museu em homenagem à personalidades da cidade de Aracoiaba-Ce. Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil.

Dentre as diversas “Dependências” e “Acervos” do museu acabamos por não encontrar entre as salas o nome do personagem principal, Salomão Alves. É que dentre os espaços é possível encontrar, em diversos aspectos, objetos ou réplicas que pertenceram e representam Salomão Alves. Não optamos por analisar a fundo pessoas e relações, seria um trabalho dispendioso e longo, incompatível com uma proposta de artigo.

Nossa ênfase é em torno do viés (auto)biográfico constituído dentro do espaço museu. No final do ano de 2011 ao passearmos pelo referido museu, em um lugar no canto de parede do museu, pudemos ver uma réplica em tamanho grande da obra autobiográfica *O Menino Que Disse SIM* de Salomão Alves. Já em outro lado, em cima de uma estante de madeira encontramos

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

uma pequena réplica do próprio “Dr. Salomão” dentro de um cubo de vidro, expressando certa importância de sua imagem resguardada. Na réplica “Dr. Salomão” está vestido de terno branco, assim como no verso de sua obra autobiográfica e na capa do folheto de cordel de Jair Moraes. É possível perceber que em vários lugares “Dr. Salomão” aparece meio que inesperadamente, ele parece surgir para conciliar a ordem temporal dentro do “lugar de memória” que parece lhe pertencer, parece surgir como dizendo “eu estou aqui”, e de certo modo conciliar um tempo da Aracoiaba do passado e Aracoiaba do presente, ressurgindo para contar uma história que é por ele mesmo articulada, uma história que parece ser ele mesmo.

Na fotografia abaixo a réplica da obra autobiográfica de “Dr. Salomão”. Os detalhes tentam imitar o livro original. A réplica é deixada em um lugar no “canto da parede”, que não lhe confere o status de monumento típico em exposição para o museu. Com a réplica podemos observar que as imagens e representações sobram, pois ganham e preenchem lugares necessários e lugares não reservados, lugares que não são necessariamente para referência, para exposição e observação, mas que de algum modo, por estar ali presente acaba ganhando uma dimensão nova por sua presença, mesmo que limitada.

FIGURA 7



Réplica da obra *O Menino Que Disse SIM*. A Réplica acima foi utilizada como ilustração no ano de 2008, no momento do lançamento da autobiografia de Salomão Alves.

Ainda na mesma sala, numa estante de madeira, protegida por um cubo de vidro, tomando lugar central, está a réplica de “Dr Salomão” ao lado de diversas homenagens que recebeu quando em vida.

FIGURA 8



Réplica de Salomão Alves de Moura Brasil

A presença de um “Dr. Salomão” centralizado, em exposição no museu, demonstra sua presença onipresente na história da cidade. Sua imagem sintetizada “por um discurso que se forma texto”²⁸ pode ser observada na réplica de sua obra autobiográfica em um lugar que não admite sua exposição, mas que sua presença permite interpretações para além de uma exposição convencional de museus. A presença e a representação são movimentadas de diversas formas, a criatividade dos organizadores embasados nas experiências vivenciadas com “Dr. Salomão” de ainda em vida, transcreve na história da cidade uma memória movimentada e afirmada por diversas testemunhas.

²⁸Em como os discursos se tornam textos conferir RICOEUR, Paul. *Interpretação e ideologias*. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

HISTÓRIA E CULTURAS

Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico em História da UECE.

Ao adentrar no museu, passando por um corredor em formato de arco, que leva às salas administrativas, à biblioteca e salas de aula, podemos ver logo no início do “Auditório Dona Natália Vaz de Almeida”, pelo lado de dentro acima da porta de entrada, duas comparações lado a lado em relação à escola de “Dr. Salomão” (GVT) no ano de 1958, e no ano de 2009, ano de inauguração do museu.

FIGURA 9



Pinturas em representação do Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora em 1958 e em 2009. Expostas no Museu Histórico e Cultural de Aracoiaba Dr. Salomão Alves de Moura Brasil.

As pinturas representam como o tempo é percebido por aqueles que com ele viveram diversas experiências e as reproduziram dentro do museu. As falas de “Dr. Salomão” foram cruciais para que os aracoiabenses que freqüentaram sua escola pudessem construir uma noção de passado da cidade antes e após a fundação de sua escola (G.V.T). Não sabemos quem ao certo fez as pinturas, buscamos respostas, mas não encontramos. No entanto as pinturas em tamanho grande expressam a peleja de “Dr. Salomão” para que Aracoiaba abrisse as portas para um novo tempo, um tempo de mudanças com a evolução na educação de seus municípios.

Em entrevista realizada pelos professores locais Elcimar Simão Martins, Maria Leite e Maria do Araújo em 22 de outubro de 2008, Salomão Alves de Moura Brasil esclarece um tempo antes e após sua escola ser fundada. Estabelece uma linearidade temporal e a importância de sua ação por meio de sua escola enquanto determinante na educação da cidade de Aracoiaba.

Até o ano de 1958 nós temos um período em Aracoiaba, de 1958 para cá nos temos outro período, que eu chamo “o divisor de águas” (...) Porque nos chegamos um estágio que Aracoiaba está superando com certeza diversos municípios da Região do Maciço de Baturité. Se a gente for apurar mesmo na realidade vê o que Aracoiaba hoje tem, de faculdade, de pessoal docente capacitado e da boa qualidade do ensino, se a gente for olhar isso tudo, vemos que realmente a gente chegou num estágio de Aracoiaba como um pólo de educação. Hoje não há nenhum município vizinho nosso que se compare com Aracoiaba. Eu digo porque eu venho conhecendo isso há muito tempo. Há cinquenta anos nós estamos educando aqui.

Para Salomão Alves sua escola marca, desde 1958, um novo momento da história da cidade que passa a ser vivida pelos aracoiabenses. O museu retrata uma espécie de biografia do seu idealizador, não esquecendo de levar em consideração aspectos mais autobiográficos que biográficos, ou seja, pondo em relevo discursos que se tornaram textos, que se tornaram a essência da experiência enquanto reveladora do passado da cidade. “Há cinquenta anos nós estamos educando aqui”. Certamente o esforço para ser lembrado se faz presente na frágil voz de Salomão Alves aos 86 anos de idade, ser lembrado enquanto um “divisor de águas”, como referenciou Rose Matos, ser lembrado enquanto “Papa da Educação do Maciço de Baturité”, como colocou Marilene Campêlo, ser lembrado enquanto “homem-monumento” para os Aracoiabenses.

Considerações Finais

No nosso esforço em tentar desmistificar a imagem de Salomão Alves de Moura Brasil percebemos como os mais variados mecanismos foram utilizados, por vezes (in)conscientemente, por vários personagens no interesse de “monumentalizar” uma imagem que até o tempo presente é (re)significado pelos aracoiabenses numa relação com a história da cidade. As movimentações das narrativas em torno das memórias de si partiram de sua atuação enquanto proprietário do Ginásio e Escola Normal Virgílio Távora bem como político vereador no Legislativo Municipal.

Desde a “Comemoração do Centenário” (1990) da cidade de Aracoiaba, momento em que esteve presente enquanto protagonista, elaborou uma série de atividades, “políticas da memória” (como é o caso da proposta do Museu Municipal em Lei Orgânica do Município) e narrativas na intenção de comemorar os cem anos da cidade e ao mesmo tempo solidificar uma memória para si. Naquele instante já “configurava” suas narrativas autobiográficas pelos trabalhos da memória. Sua empreitada, por conseguinte, passa a ser movimentada em sua escola GVT na comemoração do 32º aniversário da instituição, onde também acaba por tecer significados em torno de sua trajetória que permanecem até os dias de hoje.

Em 2009, com a inauguração do museu pudemos perceber toda uma comunidade atuando em prol de uma “política da memória”. Foi possível perceber uma continuidade, que foi proposta há quase duas décadas, ser consolidada de modo que fosse constituído um “lugar de memória” necessário para resguardar as diversas versões do passado da cidade. A insistência em uma permanência, em contar histórias, em busca da memória, em efetivar um passado enquanto crucial conhecimento dos munícipes, é, de algum modo, instituir uma identidade que parte de experiências subjetivas que são rememoradas e comemoradas tornando possível uma história efetiva fundamentada em situações-limite. É como Lusmar Paz disse em seu texto introdutório da autobiografia de “Dr. Salomão”: “Não se pode falar de Aracoiaba sem falar em Salomão. Não se pode falar de educação sem falar em Salomão”²⁹.

Aquele que contou a história, que tramou os versos e os contos, o fez pela sua experiência do passado. É isso que importa no final das contas. Como foi feito o uso do passado por “Dr. Salomão” e por aqueles que se encarregaram após seu falecimento? Esperamos que este trabalho, de alguma forma, seja uma resposta possível para este questionamento. É que os usos do passado que observamos se manifestam de modos diversos, por vezes, confuso, mas de todo modo foi preciso correr o risco nesta empreitada narrativa, e, de algum modo, propor uma versão analítica do passado.

²⁹PAZ, Lusmar. *Introdução*. In: BRASIL, S. A. de M. *O Menino Que Disse SIM*. Fortaleza: Premius, 2008, p. 9.